



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO – EDUCAÇÃO ESPECIAL: ALTAS**  
**HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

**INVESTIGANDO E ANALISANDO AS PERCEPÇÕES DE PAIS**  
**ACERCA DE UM FILHO COM INDICADORES DE ALTAS**  
**HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

**PATRICIA DOS SANTOS OLIVEIRA**

**PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM**

**Santa Maria, RS, Brasil – 2008**

**INVESTIGANDO E ANALISANDO AS PERCEPÇÕES DE PAIS  
ACERCA DE UM FILHO COM INDICADORES DE ALTAS  
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

por

**PATRICIA DOS SANTOS OLIVEIRA**

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial:  
Altas Habilidades/Superdotação do Centro de Educação da  
Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para  
obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial: Altas  
Habilidades/Superdotação**.

**PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM**

**Orientadora: SUSANA GRACIELA PEREZ BARRERA DE PEREZ**

**Santa Maria, RS, Brasil – 2008**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação  
Curso de Pós-Graduação – Educação Especial: Altas  
Habilidades/Superdotação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo  
Monográfico de Especialização

**INVESTIGANDO E ANALISANDO AS PERCEPÇÕES DE PAIS  
ACERCA DE UM FILHO COM INDICADORES DE ALTAS  
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

elaborada por  
**Patrícia dos Santos Oliveira**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
***Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação.***

**Comissão Examinadora:**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Susana Graciela Perez Barrera de Perez  
(Presidente / Orientadora)**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Nara Joyce Wellausen Vieira**

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms. Mara Regina Nieckel da Costa**

**Santa Maria, 24 de outubro de 2008.**

## RESUMO

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **INVESTIGANDO E ANALISANDO AS PERCEPÇÕES DE PAIS ACERCA DE UM FILHO COM INDICADORES DE ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

AUTORA: Patrícia dos Santos Oliveira

ORIENTADORA: Suzana Graciela Perez Barrera de Perez

**Data e Local da Defesa: 24/10/08, Centro de Educação da Universidade Federal  
de Santa Maria**

O presente trabalho visa descrever e analisar as percepções de pais cujo filho tem indicadores de altas habilidades/superdotação, salientando a maneira como os pais vêem as peculiaridades da criança, o comportamento desta e as características de sua interação com a escola. Em primeiro lugar, discorreremos brevemente sobre o papel da família na abordagem das altas habilidades/superdotação. Seguimos expondo a importância da identificação dos indicadores de altas habilidades/superdotação para uma compreensão mais adequada dos portadores destas características. Logo após, apresentamos os principais mitos que envolvem a superdotação. Então, descrevemos os procedimentos metodológicos que utilizamos nesta pesquisa qualitativa, a qual se apoiou principalmente na aplicação de um questionário integrado por 14 (quatorze) questões, apresentado separadamente para pai e mãe de uma criança com indicadores de altas habilidades/superdotação. *A posteriori*, analisamos e discutimos os dados de maior relevância obtidos através das respostas da família. Encerramos com as conclusões que este trabalho nos proporcionou, almejando, em suma, contribuir por meio do mesmo para uma abordagem mais abalizada da superdotação por parte da família e da escola.

**Palavras chaves:** família – identificação das altas habilidades/superdotação - mitos

**ABSTRACT**

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

**INVESTIGATING AND ANALYZING THE PERCEPTIONS OF PARENTS WITH A GIFTED CHILD**

AUTORA: Patrícia dos Santos Oliveira

ORIENTADORA: Susana Graciela Perez Barrera de Perez

**Data e local da defesa: 24/10/08, Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria**

This study consisted of description and analysis of the perceptions presented by parents with a gifted child, emphasizing the vision of the parents about the special characteristic of their son, your behavior and the interaction between these child and the school. First, we will speak about the paper of family in the approach of the giftedness. Second, we will explain the importance of the identification of the giftedness characteristics for a most suitable understanding of these question. We will follow presenting the principal myths about the giftedness. Then, we will describe the methodology wich we used in these qualitative research. We presented separately to the parents of gifted child a questionnaire with 14 (fourteen) questions. A *posteriori*, we will analyse the most relevant facts presented in the requests of the parents. We will close of the conclusions of this study. De through of this article, we will pretends to contribute for a most suitable approach of the giftedness by the family and the school.

**Keywords: family – identification of the giftedness - myths**

## APRESENTAÇÃO

Desde os primórdios da civilização, a família tem se destacado como detentora da ordem, segurança e organização sociais, podendo afirmar, desta forma, que é a família que fundamenta a sociedade. Porém, ao longo do tempo, o processo social se modificou profundamente, de forma que o perfil social e cultural do que se considerava tradicionalmente como sendo uma família, abriu espaço à inclusão de novas formas de se pensar e de se viver o paradigma pai - mãe-filhos.

Por outro lado, embora a família de hoje vive uma realidade diferente da de séculos anteriores, os conceitos e idéias provindas do núcleo familiar continuam determinantes para a construção social dos sujeitos que dele emergem. Na sociedade, todos os sujeitos que se diferenciam dos demais acabam sofrendo, convertendo-se em vítimas do que hoje é designado como exclusão social.

Insertos no grupo dos diferentes, simultaneamente admirados e rechaçados, estão os indivíduos com altas habilidades/superdotação<sup>1</sup>. Estas pessoas, enquanto filhos e alunos, experienciam situações peculiares em sua relação com a família e com a escola, vivências que, muitas vezes, acabam pontuadas por uma dinâmica consciente e/ou inconsciente de exclusão. É deste estado de coisas delicado e pertinente aos universos familiar e escolar que parte nosso trabalho, visando ao entendimento de uma percepção que acreditamos ser de extrema importância no que se refere ao “processo de inclusão” de crianças com Altas Habilidades/superdotação: sua relação com a família e a escola, em especial o pensamento dos pais com relação a terem um filho com indicadores de AH/SD.

Os estudos na área de educação revelam que há uma grande dificuldade de entendimento geral do que sejam as AH/SD no tocante às famílias que possuem alguém identificado com estas características. Inicialmente, os pais parecem confusos: não sabem se ter um filho “diferente” vai gerar um benefício ou causar um sofrimento. Mesmo o simples levantamento de hipóteses sobre o fenômeno das

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, utilizaremos a abreviatura AH/SD para representar a expressão altas habilidades/superdotação.

AH/SD gera ansiedade frente ao desconhecido e, conseqüentemente, impotência diante da realidade de lidar com um sujeito destas características.

A própria literatura especializada encontra dificuldade em definir o que seria uma pessoa com AH/SD, pois grandes controvérsias e idéias errôneas costumam cercar o uso do vocábulo “superdotado”. Esta palavra causa estranhamento pela sua imprecisão, ao mesmo tempo que gera impacto e expectativas devidos à magia, fascinação, desconfiança e hostilidade suscitados. A definição do que sejam as altas habilidades/superdotação tem sido um dos fatores que dificultam a identificação e o atendimento de seus pares por parte da família e da escola. Como conseqüência, estes sujeitos acabam em desvantagem no seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social, inclusive no desenvolvimento de suas potencialidades nas áreas de seu interesse.

Renzulli (apud PÉREZ, 2004) propõe, a partir de sua teoria, uma definição das Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD) que constitui a teoria dos três Anéis. Esta teoria avalia a confluência de três aspectos básicos - habilidade acima da média, envolvimento com a tarefa e criatividade -, que caracterizam a pessoa com AH/SD e que, para serem aceitos como fatores de identificação, devem funcionar de forma interativa, possuindo três aspectos: a freqüência de ocorrência, intensidade e constância ao longo do tempo.

No presente trabalho, procuraremos investigar e analisar as percepções dos pais acerca de um filho em processo de identificação de altas habilidades/superdotação, utilizando-nos primordialmente da teoria dos três anéis, uma vez que a mesma nos oferece um ponto de partida para o diálogo entre a visão científica e a abordagem empírica familiar. No entanto, não deixaremos de contemplar outros autores cujos estudos do problema sejam oportunos para melhor desenvolvimento e elucidação de nossa pesquisa, destacando-se, em especial, o trabalho de Gardner.

Elegemos o questionário, aplicado nos pais de um sujeito com indicadores de AH/SD, como instrumento central de pesquisa, visando à coleta de informações que esclarecessem as diversas concepções da família com relação à situação *sui generis* de seu filho.

Na elaboração dos questionários, procuramos formular questões mais claras e específicas quanto ao objetivo da pesquisa. Para isso, subdividimos as questões em itens: a) características da pessoa com AH/SD; b) comportamento das pessoas com AH/SD; e c) interação do meio escolar, do sujeito com H/SD.

Ao longo do trabalho, discutiremos inicialmente o papel da família da pessoa com AH/SD, os desafios encontrados, as angustias e o medo do desconhecido. Num segundo momento, iremos ao encontro da importância da identificação das pessoas com AH/SD no meio familiar. Por último, o texto enfocará os mitos referentes as pesquisas de Pérez (2004), os quais dão conta das ações e reações da sociedade diante do indivíduo com indicadores de AH/SD.

Através de nossas investigações, buscamos perceber quais as necessidades da família com relação a seu filho com indicadores de AH/SD, pois nos pareceu que os pais careciam de maiores esclarecimentos no que tangia à situação peculiar de seu filho. Nosso principal intento, neste sentido, foi contribuir para a melhor compreensão do sujeito com altas habilidades/superdotação, incentivando e apoiando a família na descoberta de estratégias que promovessem o desenvolvimento de suas potencialidades.

## **A FAMÍLIA É IMPORTANTE?**

Em essência, a família é criadora de sua própria cultura, com leis, regras, mitos e crenças particulares, cada um de seus membros vivendo e compartilhando a mesma ideologia e interagindo também com suas próprias emoções e diferentes significados no cotidiano. Em linhas gerais, costuma haver certo equilíbrio entre as pessoas e a estrutura própria de um mesmo grupo familiar. Segundo Germani e Stobäus (2006):

A vida dos indivíduos em família ocorre através de uma seqüência de etapas com tarefas específicas equacionadas em cada fase. Cada ciclo de vida - nascimento, infância, adolescência, saída dos filhos de casa. Havendo uma transição dessas etapas as famílias e os indivíduos acabam desempenhando novas aprendizagens a cada momento de sua vida (GERMANI e STOBÄUS, 2006, p.130)



Essas formas diferentes se tramam e vão construindo um jeito de viver e conviver em cada núcleo familiar que, ao mesmo tempo em que divide, parece também omitir seus dramas e suas dores. A estes dramas e dores, referem-se Germani e Stobaus (2006):

Às famílias caracterizadas como sendo disfuncionais apresentam em suas relações conflitos crônicos. Apresentam-se paralisadas e impedidas de oferecer base aos seus filhos, para que se sintam estimulados a explorar o mundo extra familiar e a vivenciar situações novas com autoconfiança, sem alta tensões e receios (GERMANI e STOBÁUS, 2006, p.131).

O conjunto familiar não representa somente um tecido fundamental de relações, mas um construto de papéis socialmente definidos, no qual a organização depende do que a sociedade, através de seus usos e costumes, espera de todos os seus membros.

Perceber e aceitar as características de um filho, ainda que peculiares em relação aos demais, como no caso de indicadores de AH/SD, é um primeiro passo para o investimento no talento e no desenvolvimento das potencialidades do indivíduo. A ação integrada entre a família, a escola e os profissionais especializados funciona como um vetor essencial neste processo (METTRAU e SOUZA, 2000).

Independente de as famílias possuírem ou não entre os seus membros um sujeito com altas habilidades/superdotação, não há dúvidas de que o grupo familiar exerce um papel muito importante na consolidação do comportamento, no desenvolvimento da personalidade, na formação da moral e na evolução escolar e sociocultural de seus integrantes. A família mantém uma forte influência sobre cada um de seus membros e, de modo singular, constitui-se em fonte de herança sócio-cultural e diversidade espiritual, bem como em força mediadora dos valores absorvidos em seu contexto. Em geral, o homem encontra suas referências na família, busca nela as condições materiais de vida, um lugar digno na sociedade e a construção de uma identidade, especialmente quando se tratam das suas inseguranças, medos e angústias. Enfim, cada família tem forças e qualidades próprias que fluem de seus componentes, de modo individual ou em conjunto, alimentando o grupo como unidade.

É no contexto familiar que uma primeira identificação dos sujeitos com AH/SD se verifica. De modo geral, em um primeiro momento, percebe-se qualquer criança como um cadinho de possibilidades, constituindo um ser pleno de significações e idealizações e carregando consigo todo um potencial ofertado pela natureza. Então, quando a família reconhece que o filho apresenta uma habilidade acima da média em relação a outras crianças da mesma faixa etária, a imagem do cadinho de possibilidades recrudescer. A família “sente certo orgulho, levanta o nível de expectativas e esperanças no futuro, o que pode tanto ser um exemplo positivo como um problema sério, no cômputo geral” (GUENTHER, 2006, p.108).

O problema se acentua quando os pais transferem expectativas e sonhos não realizados para os filhos, impedindo que eles tracem seu próprio caminho, com suas próprias expectativas, através de suas vivências, e não por influência e sonhos de outras pessoas (GUENTHER, 2006).

O peso de ter que responder constantemente a altas cobranças pode impedir que a criança aceite a si mesma e a suas imperfeições, desistindo dos primeiros obstáculos de sua caminhada para escapar às pressões a que está submetida. É aqui que entra uma importante contribuição da escola, que deve estar preparada para auxiliar a família a pensar sobre o grau de intensidade de cobranças para com seus filhos, se está funcionando como estímulo ou como uma ameaça ao desenvolvimento da criança. Segundo Guenther (2006):

É dever dos pais acompanhar o trabalho escolar dos filhos. Acompanhar como forma de orientação, implica em caminhar lado a lado, olhando na mesma direção em que a criança está olhando, prevenindo, e buscando evitar erros e distorções (...) interessando-se genuinamente pelo que acontece na Escola, compartilhando a experiência da criança com comentários e perguntas sinceras, de interlocutor, diferentes de perguntas do tipo “policiamento” que parece querer desvelar algo oculto, ou dissimulado, que em geral levanta defesas no interrogado e interrompe o fluxo de comunicação (GUENTHER, 2006, p.109).

Assim, a família é base central para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças com altas habilidades, pois é dela que os filhos devem receber suporte afetivo e educacional para superar as dificuldades que encontrarão no seu caminho escolar. “Propiciar um ambiente acolhedor, em casa e na escola, oferecer a estas crianças atenção, amor, compreensão, entre outros ‘ingredientes’, são de extrema

importância para que elas se desenvolvam de uma forma sadia” (RECH, 2007, p.37).

## **IDENTIFICAR PARA QUÊ?**

A importância da família no processo de identificação e potencialização das AH/SD tem sido foco de inúmeros estudos (METTRAU E SOUZA, 2000; LANDAU, 1990).

Pais e filhos possuem papéis distintos em suas relações. Os respectivos vínculos estabelecidos na interação de uns com os outros são alguns dos pontos-chaves de tais produções. A admissão ou não da condição do sujeito com AH/SD ultrapassa a questão da simples aceitação enquanto indivíduo, agindo como propulsora para o êxito ou para o fracasso, fazendo com que o ser vença, ou seja, vencido pelos seus medos e crenças ao longo da vida. Mettrau e Souza (2000) afirmam que “o constrangimento diante de um possível fracasso amedronta alguns pais. Outros, porém, encaram tais situações como um desafio, o que acaba por incentivar a reformulação de sua própria filosofia de vida, de maneira produtiva” (p.63).

Sendo a identificação do que sejam os indicadores de AH/SD uma das temáticas mais debatidas atualmente pelas famílias e escolas, falemos um pouco sobre ela.

Parte-se de dois pressupostos básicos atualmente para a identificação de sujeitos com AH/SD: a concepção de inteligência e a concepção de quem são esses sujeitos com AH/SD. Vieira (2006) comenta sobre os procedimentos mais utilizados atualmente para a identificação dos indicadores de altas habilidades/superdotação:

Os procedimentos utilizados usualmente para o reconhecimento dos sujeitos com AH/SD não contemplam a totalidade das potencialidades. Os testes psicológicos de inteligência registram apenas as áreas valorizadas pelo sistema acadêmico, mas não investigam as áreas como o destaque do uso do corpo, na criatividade, nas expressões artísticas, na música, dentre outras (VIEIRA, 2006, p. 90).

De acordo com Mettrau (2000), o processo de avaliação feito para identificar as pessoas com AH/SD, antes apenas respaldado pelos testes de QI, baseia-se hoje no cruzamento de informações obtidas através do relato dos pais, dos professores e dos companheiros; da observação das ações e expressões do indivíduo em seu ambiente social; de auto-avaliações, etc. Este salto qualitativo no que se refere à identificação das pessoas com AH/SD é de grande valia para toda a sociedade, pois nos alerta para a responsabilidade social de reconhecê-los e investir no seu potencial. A este respeito, Vieira (2006) ressalta:

Os principais objetivos da identificação dos sujeitos com AH/SD são: fomentar a própria ação educativa, estabelecendo intervenções que possibilitem o atendimento adequado às singularidades destes alunos; e promover estudos e investigações na área, que sedimentem o atendimento a este grupo social (VIEIRA, 2006, p. 92).

A base teórica aqui apresentada, no tocante ao processo de identificação de AH/SD, repousa na concepção da inteligência de Gardner (2000) e na de superdotação de Renzulli (apud PÉREZ, 2004).

Para Gardner (2000, p. 47), a inteligência humana, como “um potencial biopsicológico, pode ser ativada para processar informações, solucionar problemas ou criar produtos que sejam valorizados numa determinada cultura”. Será posta em ação dependendo das condições biológicas do indivíduo, dos valores de uma cultura específica, das oportunidades disponíveis na sociedade e de experiências, reflexões, criatividade e decisões individuais tomadas por cada ator social. Essa noção de potencial biopsicológico remete a caminhos conceituais confluentes, que condicionam a vida humana e que, em nosso estudo, nos conduzem à compreensão da inteligência, sendo eles: a noção de que vivemos na condição de espécie; nossa existência em sociedade e a necessária valorização e investimento na formação das condições de vida individual.

O segredo está nos processos educativos que os seres humanos vivenciam, na formação moral e na orientação para a vida. A inteligência é um potencial múltiplo, porque pode se fazer e refazer culturalmente, e revelar-se de múltiplas formas.

Gardner (2000) identifica oito inteligências:

- **Inteligência lingüística.** É um potencial que revela a capacidade do indivíduo de aprender noções dos códigos lingüísticos, guardá-los na memória e aplicá-los criativamente. Traduz o valor das competências de escrever, interpretar e aplicar palavras e frases em situações de comunicação. Essa inteligência está relacionada às oportunidades que o indivíduo tem de vivenciar aprendizagens sobre a linguagem.
- **Inteligência matemática.** É um tipo de inteligência que se revela na capacidade mental humana de guardar, na sua memória, informações de representações de quantidade e de aplicar essas informações no cotidiano, resolvendo problemas.
- **Inteligência musical.** Trata-se de um potencial que revela a capacidade do indivíduo de aprender sons e ritmos e de interpretá-los, concebendo novos contornos melódicos com arranjos musicais.
- **Inteligência espacial.** É uma inteligência que se traduz na percepção dos espaços. O indivíduo é capaz de executar modificações sobre percepções iniciais de espaço, recriando aspectos, mesmo na ausência do contato material.
- **Inteligência corporal.** Essa inteligência se revela na capacidade do indivíduo de usar o próprio corpo com habilidades que se expressam nos movimentos.
- **Inteligência intra-pessoal.** É uma inteligência que revela aspectos introspectivos de reflexão e auto-compreensão, manifestados na interpretação de sentimentos e emoções, relacionando-se a linguagens que servem de base para entender e executar comportamentos.
- **Inteligência inter-pessoal.** É um potencial que revela a capacidade humana de se comunicar, de observar e fazer distinções entre indivíduos quanto às necessidades, desejos e escolhas.
- **Inteligência naturalista.** Trata-se de um potencial da inteligência que é demonstrado em comportamentos criativos, que associam saberes adquiridos no cotidiano do senso comum a conhecimentos adquiridos com métodos

científicos, que sejam relacionados não só à vida social, mas também ao ambiente natural.

Gardner (2000) destaca que nenhuma dessas inteligências se desenvolve de maneira independente das demais. Pelo contrário, o potencial da inteligência humana é múltiplo, porque se propaga entre diferentes inteligências e se desenvolve a partir da flexibilidade do sistema nervoso, para gerir aprendizagens a partir de interações ambientais com a sociedade e a natureza. Talvez, seja possível falarmos de outras possíveis inteligências ou do desdobramento de um leque de inteligências. Os indícios biológicos e culturais, como valores e papéis sociais, nos levam a interpretar que essas inteligências são interdependentes, e que é possível que cada ser humano disponha da manifestação mais marcante de umas duas ou três como consequência de suas interações com o ambiente social e natural.

Já a teoria da superdotação dos três Anéis, envolve aspectos cognitivos, da personalidade e as condições do ambiente ao definir os indicadores de altas habilidades/superdotação. Para Pérez (2006), é a que melhor define o conceito de AH/SD, visto que descarta a inteligência como inata e estática, ressaltando a importância de que sejam oferecidas oportunidades e condições para o desenvolvimento do potencial mediante alternativas adequadas.

A definição de Renzulli (apud PÉREZ, 2004) não privilegia apenas os aspectos intelectuais, linguagem e raciocínio lógico-matemático destacado na escola; o autor vai além do que a instrução escolar elege como foco de atuação. Ele valoriza a criatividade e a produção inovadora, incentivando a inventividade, o inusitado. O comprometimento com a tarefa consiste num aspecto de extrema relevância e pode ser considerado como o elemento menos trabalhado nos ambientes escolares.

## **AONDE ENTRAM OS MITOS?**

Alguns autores têm se dedicado a estudar os mitos em relação aos sujeitos com AH/SD. Entre eles estão Winner (1998), Alencar e Fleith (2001) e Pérez (2003),

os quais destacam o quanto o conhecimento sobre o significado das AH/SD tem sido um dos fatores determinantes na identificação e no melhor atendimento destas pessoas por parte da família, escola e sociedade.

Para Russ (apud RECH e FREITAS, 2006, p.61) os mitos podem ser compreendidos “como uma representação coletiva muito simplista e muito estereotipada, comum a um grupo de indivíduos”. No decorrer do tempo, estas estereotipias foram sendo assimiladas a idéias errôneas e crenças sociais. Pérez (2003) elaborou uma compilação dos mitos que a literatura especializada apresenta e dividiu-os em sete categorias. A mesma autora apontada estas como sendo alguns dos fatores que dificultam o reconhecimento e o atendimento aos sujeitos com altas habilidades/superdotação. Vejamos um pouco sobre cada categoria:

**1. Mitos sobre constituição:** Os mitos sobre constituição enfatizam possíveis origens das características AH/SD, sendo que neles as idéias entre ambientalistas e geneticistas são confrontadas em relação ao surgimento dessas características.

1.1 *“As Altas Habilidades são uma característica exclusivamente genética”* (WINNER, 1998; GUENTHER, 2000). Os geneticistas afirmam que as características são herdadas por genes familiares, portanto as altas habilidades são inatas.

1.2 *“As Altas Habilidades são uma característica que depende exclusivamente do estímulo ambiental”* (WINNER, 1998). Por sua vez, os ambientalistas apontam a influência do meio como sendo a única responsável por essas características.

1.3 *“Pais organizadores (condutores)”* (WINNER, 1998). É a crença de que os pais conduzem o desempenho de sujeitos com altas habilidades/ superdotação, sendo os mesmos, portanto, produtos das ações dos pais.

1.4 *“A pessoa com altas habilidades é egoísta e solitária”* (WINNER, 1998). . Geralmente, as pessoas com AH/SD têm diferentes escolhas em relação às do grupo da sua faixa etária, o que acaba por causar afastamento dos outros e preferência em trabalhar sozinhos. Muitas vezes, sua forma de aprendizagem não

acompanha o grande grupo. No entanto, há aqueles que são considerados líderes de equipe, que se preocupam com as injustiças e problemas sociais.

1.5 *O aluno com altas habilidades é “metido”, “sabichão”, “exibido”, “nerd”, “CDF”.* (WINNER, 1998). O grau de curiosidade e saberes não é igual ao de seus colegas em sala de aula e inclusive ao dos próprios professores, o que, geralmente, incomoda e/ou atrapalha o ritmo da aula.

1.6 *“As pessoas com altas habilidades são fisicamente frágeis, socialmente ineptas e com interesses estreitos”* (ALENCAR e FLEITH, 2001). Este mito concebe um sujeito com características estereotipadas pela própria mídia, apresentado como uma pessoa magra, pálida, de óculos com lentes grossas, obsessiva e insociável. Cada pessoa tem suas características físicas e personalidade próprias; sendo assim, não se pode estabelecer um fenótipo padrão para os indivíduos com indicadores de AH/SD.

**2. Mitos sobre a distribuição:** Esses mitos referem-se às AH/SD como sendo uma característica de maior incidência ou exclusiva de determinadas parcelas da população (classes privilegiadas, homens), sendo quase inexistente no restante da população em geral.

2.1 *“Todos temos Altas Habilidades, basta estimulá-las e poderemos “fabricar” uma pessoa com altas habilidades”* (GERSON; CARRACEDO apud PÉREZ, 2003). Este ponto de vista é reivindicado por aqueles que defendem uma falsa igualdade entre os cidadãos e tem sido fomentado por publicações com títulos do tipo “Aumente a inteligência do seu filho” ou “Faça do seu filho um gênio”, que recomendam fórmulas para criar verdadeiros gênios (EXTREMIANA apud PÉREZ, 2003). Contudo, a estimulação cognitiva indicada nestes livros pode fazer que qualquer criança tenha um desempenho melhor, mas não desautoriza os achados baseado na Genética e não promove comportamentos de superdotação em crianças que não apresentem tais indicadores.

2.2 *“A incidência das Altas Habilidades na população é muito pequena”* (ALENCAR; FLEITH, 2001). Apesar da Organização Mundial de Saúde (OMS) apurar que 3,5 a



5% da população em geral são pessoas com AH/SD, estes dados se baseiam apenas em escores superiores a 130, obtidos em testes tradicionais de QI, que não são instrumentos confiáveis para identificar todos os tipos de AHs. Segundo Hallahan e Kauffman (apud Extremiana, 2000), este percentual depende da definição adotada, podendo variar entre 1% e mais de 20%. Segundo Pérez (2003):

O Estudo de Prevalência realizado pela Associação Brasileira para Superdotados – seção RS (ABSD-RS, 2001) em escolas públicas e privadas da Região Metropolitana de Porto Alegre apontou 7,78% de alunos com indicadores de AHs. Mesmo considerando o limite inferior das estimativas da OMS, o número de PAHs no mundo (aproximadamente 210 milhões) ultrapassaria de longe a população total do Brasil. Em nosso País teríamos quase seis milhões de PAHs (PÉREZ, 2003, p.4).

**2.3 *Existem mais homens do que mulheres com altas habilidades.*** Este conceito tendenciosamente androgênico corresponde, sobretudo, a estereótipos e condicionantes culturais. Conforme destaca Pérez (2003)

A ausência de modelos femininos bem-sucedidos em áreas de domínio tradicionalmente masculino, a falta de motivação para o sucesso entre mulheres, as maiores dificuldades de identificação (já que elas preferem ocultar seus talentos), o maior índice de baixa auto-estima feminino e a prevalência de incentivos maiores para o desempenho dos homens levam a identificar mais e, conseqüentemente, a buscar mais atendimento para os indivíduos do sexo masculino (PÉREZ, 2003, p.4).

**2.4 *Os sujeitos com AH/SD provêm de classes socioeconômicas privilegiadas.*** A OMS salienta tal constatação refere-se a qualquer população, independente de raça, cultura ou situação sócio-econômica (PEREZ, 2003).

**3. Mitos sobre a identificação:** Esses mitos trazem à tona a discussão entre as vantagens e desvantagens da identificação de sujeitos com AH/SD.

**3.1 *A identificação fomenta a rotulação.*** Os próprios mitos e crenças em relação a estes sujeitos fazem que a identificação seja considerada um rótulo e que ela estigmatize os indivíduos identificados, transformando-os em seres privilegiados em relação aos demais no imaginário popular (PEREZ, 2003).

**3.2 *A identificação fomenta atitudes negativas no sujeito com AH/SD*** (ALENCAR e FLEITH, 2001). A concepção de que a identificação provoca atitudes de vaidade, menosprezo e sentimentos de superioridade, características encontradas em

qualquer sujeito, com AH/SD ou não, não se justifica. Tais sentimentos e comportamentos espelham traços de personalidade, ensinamentos e princípios que a criança aprende a partir de suas vivências na família, escola e comunidade. Portanto, é necessário entender que todos os cidadãos são diferentes e têm o direito de sê-lo; isto não provoca privilégios maiores, mas sim necessidades diferenciadas.

3.3 *Não se deve identificar sujeitos com AH/SD.* Esse mito remete aos preconceitos político-ideológicos: se “todos somos iguais”, não se devem fazer diferenças entre as pessoas. Pérez (2003) destaca:

A identificação da PAH é indispensável para conhecer suas necessidades e buscar formas de atendê-la e precede a discussão de políticas públicas que a contemplem, já que somente assim poderemos discernir as estratégias de atendimento que devem ser implementadas e estruturar os recursos que terão que ser disponibilizados para esse fim (PEREZ, 2003, P.5).

3.4 *“Não se deve comunicar à criança que ela tem altas habilidades”* (ALENCAR e FLEITH, 2001). Recusar à criança o direito de confirmar algo que ela já sabe fere os direitos humanos e principalmente a obrigação com a verdade, princípio básico para qualquer criança.

**4. Mitos sobre níveis ou graus de inteligência:** Esses mitos ofuscaram boa parte da sociedade durante muito tempo, impregnando até mesmo o pensamento de estudiosos da área com a idéia de que a inteligência poderia ser quantificada e traduzida em um número ou coeficiente.

4.1 *“A PAH é apenas aquela que tem um QI excepcional”* (EXTREMIANA, 2000; WINNER, 1998)<sup>2</sup>. Como já foi mencionado neste trabalho, os testes padronizados de QI não são indicadores absolutos de sujeitos com AH/SD.

4.2 *“As pessoas inteligentes também são criativas, na mesma proporção”* (WINNER, 1998). A criatividade exige um comportamento inteligente, mas não necessariamente na mesma proporcionalidade. Para Pérez

---

<sup>2</sup> A terminologia PAH (portadores de altas habilidades) é utilizada por alguns autores, equivalendo àquela por nós utilizada preferencialmente neste trabalho, que é AH/SD (altas habilidades/superdotação).

Há pessoas que decoram o guia telefônico, o que exige memória e motivação excepcionais, mas não transformam essa aquisição em um novo produto ou aperfeiçoam, o que confirmaria o terceiro grupamento na teoria de Renzulli, a criatividade e, indicadores de AHS. Embora a criatividade esteja presente em todas as pessoas, é o grau ou qualidade dela o diferencial das AHs (PÉREZ, 2003, p.52)

Portanto, a criatividade pode estar presente em todos os sujeitos, sendo o grau ou a qualidade dela o diferencial das pessoas com AH/SD em relação às outras pessoas.

**5. Mitos sobre o desempenho:** Esses mitos apregoam a máxima de que todo sujeito com AH/SD tem que ser competente em tudo, portanto um vencedor em todas as áreas do currículo escolar.

5.1 *"A pessoa com altas habilidades se destaca em todas as áreas de desenvolvimento humano. Superdotação global"*; (WINNER, 1998). Espera-se que o sujeito de AH/SD tenha desempenho uniforme em todas as áreas e aspectos do conhecimento humano. Nesse sentido, se o aluno tiver imaturidade ou falta de atenção, é descartada a possibilidade de ter AH/SD, e a família, por sua vez, não compreende seu comportamento.

Segundo Pérez (2003):

Os alunos com AHs que não se adaptam facilmente à rotina escolar, que podem obter avaliações médias ou até deficitárias para seu desempenho, muitas vezes não são indicados como alunos com AHs por serem considerados imaturos (PÉREZ, 2003, p.53).

5.2 *A PAH se destaca em todas as áreas do currículo escolar, apresentando excelência em notas e conceitos.* Este mito valoriza o desempenho acadêmico em detrimento de outras áreas de desempenho que a escola não trabalha e que podem ser destaque do aluno com AH/SD. Para Pérez (2003):

Este mito se apóia na imagem ideal do bom aluno, geralmente o modelo perseguido na escola tradicional, e revela a realidade de um aluno que se destaca em uma ou mais áreas específicas, mas não em todas, e um método tradicional, que avalia o aluno quantitativa e não qualitativamente, exigindo-lhes um desempenho equilibrado em todas as disciplinas como requisito para a aprovação (PÉREZ, 2003, p.54)

**6. Mitos sobre conseqüências:** Estes mitos apóiam-se nas conseqüências advindas de comportamentos tidos como inerentes à superdotação. Contribuem assim para a rotulação, prejudicando a identificação e o atendimento desses alunos com AH/SD.

6.1 *“A PAH desenvolve doenças mentais, desajustamento social e instabilidade emocional”* (ALENCAR e FLEITH, 2001). Acreditava-se que os portadores de AH/SD desenvolviam doenças, porque muitos dos grandes gênios apresentavam alguma enfermidade. Tal constatação partiu de um dos primeiros pesquisadores, que estudou algumas pessoas muito inteligentes e concluiu que eram pessoas doentes. Porém, também existem muitas pessoas com AH/SD, o que confirma que doença e superdotação não são sinônimas. Então, possíveis problemas psicológicos ou doenças mentais não são uma conseqüência das AH/SD, mas sim de outras questões, especialmente relacionadas ao meio.

6.2 *“O QI se mantém estável durante toda a vida”* (GERSON e CARRACEDO apud,Perez 2003). O exame de QI não é o instrumento mais adequado para avaliar o sujeito com indicadores de AH/SD, por ser resultados de testes aplicados em seres humanos, passíveis de influência por seus próprios componentes subjetivos,podendo variar inclusive em função das diferentes épocas do ano e da vida de uma pessoa. Recomenda-se observar a freqüência e intensidade dos resultados por um período de tempo relativamente amplo, a fim de se obterem indicadores mais seguros.

6.3 *“Crianças com altas habilidades serão adultos eminentes “*( ALENCAR ; FLEITH, 2001; EXTREMIANA,2000; WINNER,1998, apud Pérez,2003) Para Guenther (apud, RECK e FREITAS , 2000):

Dotação é algo que o individuo tem consigo,e traz em potencial ao nascer,mas cujo o desenvolvimento e concretização será trabalhada e conseguida durante a vida,nas interações que as pessoas estabelece processualmente físico,psicológico e social” (GUENTER APUD RECK E FREITAS, 2000,P.115).

6.4 *"Tudo é fácil para a PAH"* (COSTA, 2000; EXTREMIANA, 2000). Este mito refere-se ao sujeito com AH/SD como sendo um ser dotado de enorme facilidade para aprendizagem em geral. Porém, estes sujeitos podem ter dificuldade de aprendizagem em áreas que não são do seu domínio.

6.5 "As pessoas com altas habilidades se auto-educam, não precisam de ninguém" (EXTREMIANA, 2000). Este mito sustenta que o sujeito nasce pronto, sabendo tudo, mas há de se compreender que, embora aprenda mais rápido ou diferentemente de outros sujeitos, ele terá que ser estimulado como os demais e, assim, precisa da família, da escola e da sociedade para apreender os saberes e fazeres necessários para se tornar um cidadão.

**7. Mitos de atendimento:** Há uma diferença em abordagens no atendimento aos alunos com indicadores de AH/SD. Um dos grandes empecilhos que faz o atendimento não se tornar efetivo é o desconhecimento por parte da sociedade em geral de como tratar as pessoas com estas características.

7.1 *"As pessoas com altas habilidades não precisam de atendimento educacional especial"* (EXTREMIANA, 2000, apud PÉREZ, 2003). Este mito traz a idéia de que o aluno com AH/SD não precisa de atendimento especializado.

Para o aluno com Altas habilidades, quase sempre a freqüência à escola já está assegurada, mas ainda é necessário transpor uma etapa anterior que leva ao verdadeiro acesso, e que permite a (re) construção de sua identidade, para somente então se pensar em formas de garantir a sua permanência bem sucedida (PÉREZ, 2003).

7.2 "A aceleração é a abordagem de atendimento mais correta para os alunos com Altas habilidades" (PÉREZ, 2003). Este tipo de atendimento está previsto na legislação brasileira como alternativa de atendimento pedagógico, mas parece ainda ser privilégio de países desenvolvidos. Conforme Pérez (2003):

[...]O assincronismo é bastante comum na criança com AH; inseri-la num grupo com idade cronológica mais avançada implica sujeitá-la a exigências emocionais e sociais diferentes das suas, à possível rejeição do novo grupo,

por ela ser menor, e, do seu próprio grupo etário, por ela ter sido adiantada para um grupo que está supostamente mais avançado (PÉREZ, 2003, p,57).

## **METODOLOGIA**

Está é uma pesquisa qualitativa, descritiva e de levantamento de dados, objetivando primordialmente compreender o funcionamento social da família entrevistada. É uma pesquisa avançada, porque visa gerar conhecimentos para aplicação prática, direcionados para a resolução de problemas específicos, no que se coaduna ao que preconiza Minayo (1998), ao discorrer sobre pesquisa qualitativa.

Os dados, desta forma, tendem a fluir naturalmente. Conforme Ludke e André (1986, p.147), “a pesquisa se desenvolve naturalmente e é rica em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Elegemos prioritariamente como instrumento desta pesquisa o questionário (ANEXO C), ideal para coleta de dados qualitativos. De acordo com Triviños (1987, p.147), o questionário, “[...] ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

O questionário aplicado foi elaborado de forma a obter as percepções que os pais têm acerca do filho com indicadores de AH/SD. Outro fator determinante na construção do questionário foram as teorias a respeito das AH/SD, em especial os estudos de Renzulli (apud, PÉREZ, 2004) e Gardner (2000) sobre a identificação das AH/SD, e os mitos que existem com relação a este tema. Sobre a mitologia das AH/SD, utilizamos preferencialmente os trabalhos de Pérez (2003) e Germani (2007), que fazem um importante resgate da questão dos mitos e da abordagem mais adequada sobre o assunto.

Ao analisarmos os questionários, voltamo-nos principalmente para a descrição das percepções do dito e não dito a respeito da pessoa com AH/SD no

meio familiar. A partir das respostas da família às perguntas, é possível investigar a recorrência de enunciados que constituem um discurso sobre o sujeito com indicadores de altas habilidades/superdotação em processo de identificação.

Compomos os questionários com 14 questões. Ao solicitar a resposta das indagações, deixamos claro que a família poderia ficar à vontade, caso quisesse abster-se de responder a quaisquer das questões.

As perguntas do questionário estão divididas em três categorias pré-estabelecidas, envolvendo características das AH/SD, o comportamento do filho com indicadores AH/SD em família e sua interação com o meio escolar. Para o presente estudo, foram selecionados alguns trechos mais significativos para análises e discussão dos dados. Ludke e André (1988) afirmam que:

O “significados” que as pessoas dão as pessoas, às coisas e à sua vida devem ser foco de atenção especial pelo pesquisador. Este, numa abordagem que visa a conhecer o sentido dos sujeitos, participa coletivamente das reflexões frente aos seus problemas sociais, vivenciados em suas práticas diárias. (LUDKE e ANDRÉ, 1988. p. 12)

A linguagem em que as informações foram obtidas segue um estilo narrativo, com exemplo e relatos de fatos ocorridos com os sujeitos pesquisados no ambiente familiar.

Em razão da amplitude e complexidade da temática, optamos por construir esta investigação a partir de uma análise circunscrita a uma determinada família, possuidora de um filho com indicadores de AH/SD.

Pai e mãe não responderam juntos às perguntas, cabendo aqui ressaltar que eles são separados desde que o filho tinha dois anos de idade. Então cada um respondeu em sua casa ao questionário, entregando-o uma semana depois.

Segundo os sujeitos da pesquisa nos relataram, a mãe é professora das redes pública municipal e estadual, lecionando português. Ela detém a guarda do filho, parecendo haver um ótimo relacionamento entre eles. A mãe não tornou a se casar, enquanto o pai constituiu nova família, embora não tenha filhos com a segunda esposa. O pai é militar da Força Aérea Brasileira. Apesar de pai e filho não viverem juntos, eles demonstram conviver harmoniosamente, encontrando-se diariamente. Nos finais de semana, pai e mãe revezam-se na companhia do filho. O menino tem nove anos de idade e está na 4<sup>o</sup> série do ensino fundamental,

estudando em escola particular. Ele revela um grande interesse por leitura apresentando um vocabulário avançado para sua faixa etária, possuindo indicadores de AH/SD na área acadêmica.

Segundo Gardner (2000), a inteligência lingüística compõe-se a partir da aprendizagem e domínio criativos do código lingüístico, sobrelevando as habilidades de escrita, leitura, compreensão e produção de textos. Nosso sujeito investigado parece ter desenvolvido altas habilidades principalmente nesta modalidade de inteligência, uma vez que sua competência de leitura e léxico é superior a tradicionalmente verificada nas outras crianças da sua idade.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A partir do questionário, analisamos as respectivas falas dos colaboradores, cujos aspectos mais importantes passamos a descrever a seguir.

Em resposta à pergunta que indagava se eles consideravam o filho uma pessoa com altas habilidades/superdotação, temos a seguinte afirmação do pai:

Sim, porem sempre procurei encarar esta situação com absoluta normalidade para que cada coisa aconteça no seu devido tempo (não atropelando as fases da sua vida).

A mãe, posteriormente, acrescenta:

Sim, obriguei-me aceitar o fato.

Em função do acima exposto, podemos inferir que o pai não manifesta interesse na identificação, agindo de forma “natural”, pois acredita que assim é melhor para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do seu filho. Pode-se observar que a falta de informações sobre as características de seu filho provoca concepções errôneas sobre a identificação, acreditando que não se devem diferenciar as pessoas: “somos todos iguais”, bem como apregoa o mito que se apóia em preconceitos político-ideológicos para postular a não-identificação.

Já na fala da mãe, pode-se perceber de forma significativa as preocupações e angústias que ela tem em relação ao filho por ter indicadores de altas habilidades/superdotação. A identificação para a mãe causa insegurança, primeiro em saber como lidar com esse potencial que o filho apresenta, gerando a



possibilidade de constrangimento diante de um fracasso. Tal fato intimida esta mãe em lidar com as AH/SD do filho, principalmente pela dificuldade em aceitar a diferença do filho e as conseqüências que esta pode acarretar para o futuro dele.

A segunda pergunta que realizamos almejava mostrar se os pais, em algum momento, conversaram e/ou problematizaram junto com a criança os seus indicadores de altas habilidades/superdotação. Assim perguntamos se eles já haviam conversado com o filho a respeito da superdotação.

Aqui a resposta do pai:

Explicitamente sobre o foco do assunto, não. Para agir com normalidade e não supervalorizar exageradamente as características diferenciais.

Neste questionamento, o pai se preocupa no sentido de que, se o filho souber que tem indicadores de altas habilidades, vá se supervalorizar, revelando o mito de que a identificação fomenta atitudes negativas no sujeito com AH/SD, ou seja, a crença de que a identificação fomenta atitudes de vaidade, menosprezo e sentimentos de superioridade, que, na verdade, são características encontradas em qualquer pessoa. “Antes de tudo, é necessário perceber que todos os cidadãos são diferentes e têm o direito de sê-los; isto não implica privilégios maiores, mas sim necessidades diferenciadas” (PÉREZ, 2003, p.5)

Ressaltamos que, para o educador, uma criança com altas habilidades/superdotação tem que conhecer os princípios básicos de justiça, liberdade, respeito e deveres que devem ser exercitados na convivência com seus pares.

Para a mesma questão a mãe nos responde:

Em termos, não como superdotação, mas como uma habilidade, uma facilidade maior em aprender, para ele ser mais tolerante com os coleguinhas.

A mãe entende que não é necessário tocar no assunto de superdotação com o filho, por achar que ainda é muito cedo, e que ele pode vir a apresentar comportamentos de vaidade, acreditando ser melhor que os outros.

Porém, a família deve reconhecer que o filho tem direito de conhecer e desenvolver as potencialidades, encarado-as como características a serem trabalhadas. Uma conversa franca entre pais e filho e o respeito à diferença ajuda os

sujeitos com AH/SD a refletir a respeito de seus pontos fortes e fracos. Se a revelação das AH/SD vai desenvolver sintomas de vaidades ou não, isso depende, também de como a família valoriza, evita ou estimula aspectos de fracasso ou sucesso, e de como lida com essas características. Pérez (2003) destaca:

Especificamente quando a escola e a sociedade não reconhecem as AHs, a família passa a ser o porto seguro da criança, onde ser diferente é admitido e compreendido, permitindo que ela desenvolva sua auto-estima para enfrentar um ambiente externo hostil à diversidade, que pode questionar suas características diferenciadas como algo que, em nome da igualdade, ela não deveria ter (PÉREZ, 2003, p.6).

A terceira pergunta do questionário voltou-se para as expectativas em torno do filho com indicadores de AH/SD.

O pai responde sobre o que espera do filho:

De que através das informações que lhe são proporcionadas, na área de ensino, consiga adquirir uma formação intelectual destacada.

Parece que o pai já definiu que a habilidade de seu filho é na área intelectual e fomenta uma expectativa em relação a este filho. No momento que o filho não corresponder a tais expectativas, pode de alguma forma, representar o passaporte para o descrédito, como se todo sujeito com AH/SD tivesse que, obrigatoriamente, se sair bem em tudo. Neste caso, o pai acredita só no desempenho acadêmico do seu filho, esquecendo outras áreas que a escola não contempla e que podem se destacar também em sujeitos com indicadores de AH/SD.

Ainda na mesma questão, a mãe afirma:

Se ele seguir nessa facilidade e curiosidade em aprender e tiver um equilíbrio emocional maior, com menos ansiedade, acredito que ele possa ser o que quiser.

A expectativa que a mãe tem em relação ao filho vai ao encontro da do pai, mas é percebida com clareza a preocupação que esta tem em relação ao comportamento do filho, no que tange ao emocional. A mãe espera que o filho seja perfeito em todos os aspectos, gerando assim insegurança ao lidar com o mesmo.

O quarto questionamento trabalhado buscou investigar nas falas dos pais como as características de AH/SD se refletem no comportamento do filho.

O pai responde:

Ansiedade e irritabilidade, muitas vezes pela impaciência com crianças de sua faixa etária ou menor em relação à influência quanto à absorção das informações, captadas com maior facilidade.

A mãe descreve:

A princípio era pouco paciente com crianças de sua idade, por não saber o que ele sabia ou demoravam em aprender as coisas, era agressivo.

Essa idéia dos pais se confirma em relação à maioria dos sujeitos com indicadores de AH/SD, por muitas vezes não serem identificados pela escola e por não terem um atendimento adequado nas suas áreas de interesse. Eles acabam, muitas vezes, entrando no conformismo, para poderem adaptar-se às relações sociais, ou são vistos como os “sabichões” pelos colegas, acabando isolados entre demais.

A Escola deve oferecer oportunidades de construção do conhecimento conforme as habilidades, os interesses e estilos de aprendizagem dos alunos, identificando a melhor maneira de atender às suas necessidades educacionais especiais durante o processo de ensino-aprendizagem. Freitas (2006) pontua que:

A responsabilidade da inclusão de um estudante com necessidades educacionais especiais é da comunidade escolar e representa uma oportunidade, um objetivo para que a escola não caminhe para um grupo de pessoas homogêneas, para uma padronização de comportamentos e atitudes ditas pedagógicas (FREITAS, 2006, p. 39).

No quinto questionamento, investigamos se a família percebeu se o filho tem problemas na escola.

O pai fala:

Já. Administrar a Ansiedade, Sensibilidade e Impaciência em determinadas situações. (Obs.: Os quais foram devidamente acompanhados e orientados por profissionais competentes).

Por sua vez, a mãe diz:

Sim, agressividade com os colegas, impaciência com professores que não sabiam tanto quanto ele esperava, para ele não havia nada difícil.

Com base no relato da família, percebemos que há uma preocupação em relação ao comportamento agressivo e impaciência do seu filho na escola, respaldando o mito de que uma das conseqüências comportamentais da superdotação é a instauração de desajustes sociais e interação problemática com os outros. Na grande maioria dos casos de superdotados, eles não se satisfazem com o conteúdo proposto pelo professor e são mal-interpretados pelos docentes e colegas. Conforme Reck e Freitas (2006):

Esses comportamentos podem ser entendidos como atrevimento e não como questionamento, porque a maioria dos professores não gosta de ser contrariado ou "posto em xeque" (RECK e FREITAS, 2006, p.69).

No entanto, é preciso que a família e a escola se compreendam e se assessorem na busca de alternativas para a convivência e abordagem dos sujeitos de AH/SD. Faz-se imperativo que a criança com indicadores de superdotação tenha seus potenciais devidamente percebidos e desenvolvidos, sem deixar de participar das atividades pertinentes aos demais da sua faixa etária. Em casa e/ou na escola, a criança tem que sentir-se integrada à comunidade a qual pertence, sem, no entanto, desprezar as peculiaridades que a tornam única.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das percepções explicitadas neste trabalho, podemos inferir que existem percepções distintas de AH/SD, até mesmo num ambiente familiar específico. A superdotação está relacionada com a predisposição genética; contudo, é necessário lembrar a importância dos marcos sociais (família, escola e amigos), de modo a validar a influência que o ambiente social propicia ao desenvolvimento infantil. Sendo a criança superdotada ou não, um meio propício de estimulação e acompanhamento, potencializará o desenvolvimento das crianças, principalmente daquelas tidas como superdotadas.

Para isso, é necessário que a comunidade escolar e os pais instiguem as crianças a "descobrirem" os assuntos que lhes parecem de maior interesse,

favorecendo assim, o desenvolvimento da curiosidade e do senso de investigação desses sujeitos.

Entende-se que a família tem que romper com algumas idéias errôneas a respeito das características; para isso é preciso que os pais busquem informação, a intervenção familiar para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional é de extrema importância para desenvolver as habilidades em suas áreas de interesse.

Assim, cabe aos pais e à escola a responsabilidade de viabilizar a ida das crianças aos locais de seu interesse, sempre que possível, e/ou houver solicitação, como também proporcionar-lhes atividades de enriquecimento escolar, de forma que possam trocar experiências, exporem suas aspirações, incertezas, oportunizando espaços para que as crianças debatam, reflitam, analisem, contribuindo para torná-las mais confiantes em suas decisões, inclusive a respeito do futuro profissional.

A identificação passa por um processo difícil de aceitação; o relacionamento entre sujeitos com indicadores de AH/SD e sua família deve submeter-se a reflexões na quebra dos paradigmas que consideram que as pessoas com AH/SD têm problemas emocionais como consequência das características da superdotação. As idéias de que se devem desenvolver só as habilidades na área acadêmica do sujeito; negar ao sujeito o direito de saber que tem indicadores de AH/SD e fazer com que se omita a sua própria identidade precisam ser combatidas. Dessa forma, os pais constituirão a base para que o filho tenha suas necessidades educacionais especiais atendidas, fazendo, *pari passu*, com que se possa aceitar e valorizar o diferente.

Faz-se necessário, antes de tudo, a ação de profissionais competentes e compromissados para atender as necessidades destas pessoas e de suas famílias, para que possam lidar com suas possibilidades e suas limitações; mostrar à sociedade que é possível conhecê-las, reconhecê-las e investir no seu potencial em benefício do grupo social.

Acreditamos, enquanto educadores, ter proporcionado ao sujeito com AH/SD retratado nesta pesquisa e à sua família uma orientação mais abalizada, a fim de que possam refletir questionar, posicionar-se diante de questões pertinentes à sua

condição, bem como das normas e valores que podem excluí-los da vida em sociedade, sem que percam a sua identidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E, S. FHEITH, D.de S. **Superdotados: determinantes, educação e ajustamento**. 2. Ed. São Paulo: EPU, 2001.

BULKOOL, Marina P.& SOUZA, Cristina C. P. Os portadores de altas habilidades: a importância da família. In: METTRAU, Marsyl B.(Org.). **Inteligência: Patrimônio Social**. Rio de Janeiro: Dunya/Qualitymark, p.55-66 2000.

GARDNER, H. **Inteligência: um conceito reformulado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

GERMANI, L. M. B. & STOBTOBÄUS, C. D. A intervenção centrada na família e na escola: prática de atendimento à criança com Altas Habilidades/Superdotação. **Educação e altas habilidades/superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas**. p.127-149,2006.

\_\_\_\_\_, **Capacidade e Talento – Um Programa para Escola**. São Paulo: EPU, 2006.

GUENTHER, Z. C. **Desenvolver capacidades e talentos. Um conceito de Inclusão**. Petrópolis: Vozes, 2000.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**, E.P.U. 1986.

MINAYO, M.C.S. O desafio do conhecimento: **Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo- Rio de Janeiro: Hucitec- Abrasco, 1998.

PÉREZ, S. G. P. B. Mitos e Crenças sobre as Pessoas com Altas Habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento **Cadernos de Educação Especial Santa Maria**, UFSM, n 22, p 45 - 59 2003.

RECH, A. D. **Estudo de caso de uma criança com características de altas habilidades: problematizando questões referentes à inclusão escolar**. 2007. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Santa Maria, 2007.

RECH, A. J. D. ; FREITAS,S. N. Uma revisão bibliográfica sobre mitos que envolvem as pessoas com altas habilidades.Educação e altas habilidades/superdotação: **a ousadia de rever conceitos e práticas**.p.61-87,2006.

RENZULLI, J. O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. **Educação**. Tradução de Susana Graciela Pérez Barrera Pérez. Porto Alegre – RS, ano XXVII, n. 1, p. 75 - 121, jan/abr. 2004.

TRIVIÑOS, A.N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: **a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, N. J. W. Uma trajetória na identificação das Altas Habilidades/Superdotação em educação infantil. Educação e altas habilidades/superdotação: **a ousadia de rever conceitos e práticas**. p. 89-107,2006.

WINNER, E. **Crianças superdotadas**: mitos e realidades. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.